



**Maria Lacerda de Moura**

**Ferrer**

**O Clero Romano**

e a

**Educação Laica**

**1934 - São Paulo**

*Ferrer acreditava no poder da educação, porque estava convencido de que “todo aperfeiçoamento significa a supressão de uma violência”. Por isso, esperava da ciência a libertação da criança.*

*Si não viu o problema em toda a sua espantosa complexidade, bem viu muitas das suas faces.*

*Afastar de junto da criança quaisquer paixões partidárias, as quais despertam o ódio, o sectarismo pró ou contra, o exclusivismo, o espírito de autoridade e a violência – esse é o caráter da Escola Moderna e que não tem sido realmente compreendido pelos revolucionários extremados.*

*Ferrer confessou mesmo evitar as palavras “anarquia”, “comunismo anárquico” ou “ideias libertárias” nos seus tratados de educação.*

*O que ele pretendia era libertar a própria criança de todas as cadeias, inclusive da cadeia mais forte do preconceito de estar de posse da verdade única...*

*Maria Lacerda de Moura*



# **Ferrer O Clero Romano e a Educação Laica**

Maria Lacerda de Moura

Barricada Libertária  
2012

## DA AUTORA

**“A mulher é uma Degenerada”** – 3.\*edição – 1931

**Lições de Pedagogia (volume 1)** – 1925 -

**Religião do Amor e da Beleza** - 1925- esgotado

**La mujer es una degenerado?** – 1929 – Edição de Buenos Aires

**De Amundsen a Del Prete** – 1928.

**O clero e Estado** – Confedencia – 1931.

**Civilização – tronco de escravos** – 1931

**Serviço militar obrigatório para mulher? – Recuso-me. Denuncio** – 1932

**Amai e... não vos multipliqueis** – 1932

**Han Ryner e o Amor Plural** – 1933.

---

## NO PRÉLO:

**Gandhi.**

**No País dos Homens Livres** ( tradução de Les Pacifiques, de Han Ryner.

**Quero aprender a ler, Mamãe.** Cartilha escolar aprovado pela Diretoria do Ensino de São Paulo.

---

## A SAIR:

**Guerra à Guerra!**

**Psicologia Pedagogia** – 1.º e 2.º volumes de Pedagogia.

**O Problema do Amor visto pela Mulher: George Sand, Isadora Duncan, Alexandra kollontai, Federica Montseny.**



## **Edição Original:**

Ferrer

O Clero Romano

e a

Educação Laica

São Paulo – 1934

## **Digitalização e Diagramação**

Danças das Ideias  
Barricada Libertária  
São Paulo, 2012

<http://dancasdasideias.blogspot.com/>

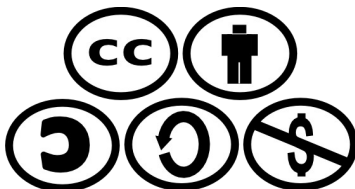
<http://anarkio.net>

[lobo@riseup.net](mailto:lobo@riseup.net)

Caixa Postal: 5005

CEP: 13036-970

Campinas – São Paulo



## Ferrer- apostolo da não violência

A violência é a razão da ignorância, dizia Ferrer. E, no apostolado da instrução popular racional, científica, paladino da Escola Nova, percussor e sonhador impertinente, otimista mal grado todos os escolhos semeados no seu destino, perseguido e sacrificado, esteve sempre à altura de um estoicismo heroico de resistência à reação

Ao alto a consciência!... Nem uma das acusações feitas ao grande educador tem fundamento: - O clero só pode formular acusações injustas.

Ferrer era contrario às revoluções parciais, às revoluções políticas, Simples mudanças de instituições ou trocas de donos... Revoluções feitas pelos revolucionários superficiais – “quase sempre vítimas dos mesmos prejuízos dos seus adversários”.

Morral, o autor do atentado aos noivos reais, o que atirou a bomba, escrevia um agitador russo, pouco tempo antes do atentado, a carta de que extraímos este trecho: -“Não tenho nenhuma fé em Ferrer, nem em Tarrida, nem em Lorenzo, porque são criaturas fracas que julgam que nada se pode fazer senão por discursos”.

E’ a prova de que Ferrer era julgado pelos próprios companheiros de ideias Como incapaz de basear os seus gestos num ato de violência.

Outras prova da atitude de não-violência de Ferrer esta na carta por ele dirigida a Mlle. Henriette Meyer. Ao convida-la para assumir a direção da Escola Moderna de Barcelona, a professora francesa recusa-se, pretextando não poder ausentar-se de Paris, porquanto presidia o Comitê contra a pena de morte. Ferrer lhe responde: “Para Transformar a maneira de ser da humanidade, não compreendo que haja coisa mais urgente do que o

estabelecimento de um sistema de educação, tal como o conhecemos, e que, dando frutos, facilitará o processo, e tornará a conquista de toda ideia generosa muito mais fácil. Eis porque me parece que trabalhar agora pela abolição da pena de morte e para a Greve Geral, sem saber como havemos de educar os nossos filhos, é começar pelo fim e perder tempo”.

O problema educacional para Ferrer era fixa.

No Carcere Modelo, onde estivera sete meses consecutivos, e estava certo de permanecer ainda muito tempo, tem uma frase digna do apostolado de Gandhi, da suprema resistência ou da Não-violência estoica:

“Todos pensam que eu serei absorvido, mas Becerra Del Toro (o procurador geral) declara que quer a minha cabeça, porque julga que eu estava fato das intenções de Morral. Quem poderá dizer quem será o vencedor: a verdade ou o Becerra Del Toro com os seus Jesuítas? É preciso notar: não me queixo, porque, quanto mais tempo estiver preso, mais desenvolverá o movimento em favor da Escola Moderna, e é isso mesmo o que quero.” (Carta a Willian Heaford, da Liga Internacional para a Educação Racional da Infância).

Basta o seguinte período escrito por Ferrer para provar à sociedade a sua convicção de educação contra a brutalidade da força e a inutilidade da violência:

“Si em vez de acaudilhar massas, as educamos, buscamos, impulsionamos e dirigimos os demais para o fogo esplendoroso da razão, - assinalamos o verdadeiro fim da humanidade, Buscamos, proporcionamos e distribuimos a ciência dos sábios, como único armamento para as suas rebeliões.”

Nunca Ferrer aconselhou nem pregou a violência.

Estando na imprensa o livro de J. Mc. Cabe (the martyrdom

of Ferrer) Londres, Watts e C.<sup>o</sup>), apareceu em um dos números de *The Nineteenth Century* correspondente ao mês de Novembro daquele ano, um artigo de A. Naquet em torno de Ferrer. O notável pensador francês defendia a violência como o único meio possível para a supressão dos abusos cometidos em países como a Rússia e a Espanha. Entretanto, dizia de Ferrer:

“Os fracassos consecutivos de quantas conspirações espanholas se haviam forjado e seus estudos mais profundos das lutas domesticas que haviam arruinado a Republica espanhola de 1873, imprimirão nova direção as suas ideias políticas. Chegou á conclusão de que o emprego da violência é inútil, e que, apesar da sua aparente rapidez, é, no fim, o método mais lento. Sem chegar a aceitar a doutrina da resignação nem a teoria da resistência passiva de Tolstoi – estava longe disso – acreditava que o caminho mais curto e seguro para o progresso consiste em transformar pacificamente, mediante a educação, as concepções de nossos contemporâneos.”

Dentre a documentação desse livro inglês há mais o testemunho de Oddo Marinelli (*La Ragione*, Roma, 10-10) afirmando que Ferrer, em 27 de maio de 1907 escrevera da sua cela, no cárcere, a um grupo de jovens de Barcelona, o seguinte:

“Não joguemos com palavras. Liberais, republicanos, anarquistas... São só palavras das quais devemos fugir, nós que marchamos de todo coração para o ideal da regeneração humana.”

Acrescenta Cabe em seu livro documentado:

“Um distinto anarquista me disse:

Para os republicanos, era um anarquista; para os anarquistas, era um republicano. “É a mais exata definição de sua posição política.”

E a prova é que Ferrer chamou em seu auxilio para o



programa cultural da Escola Moderna – os cientistas mais eminentes, os sábios e pensadores mais notáveis da Europa, a serie dos livros editados especialmente para escola racionalista e os nomes que os subscrevem atestam a altura dos ideais pedagógicos desse mártir do ensino livre de muletas civis ou religiosas, livre de quaisquer “ismos” – porque o educador não tem o direito de violar a razão humana através da escola e nem lhe assiste o direito de impor as suas ideias ou as suas predileções políticas ou sociológicas.

## O EDUCADOR REVOLUCIONÁRIO

Uma das cartas particulares de Ferrer traduz admiravelmente esse pensamento:

“Como é notório, a criança nasce sem ideia alguma preconcebida (1), e durante o transcurso de sua vida, vai-se empapando das ideias dos que a rodeiam, modificando-as depois, de acordo com sua cultura, suas observações, relacionando-as com as circunstancias. Daqui se deduz claramente que si a criança for educada em ideias positivas e verdadeiras sobre todas as coisas, e, si se lhe ensina que, para evitar o erro, é indispensável que não aceite nada pela fé, senão aceite tão só o que a ciência possa demonstrar, a criança crescerá aguçando seus poderes de observação e com aptidões para toda classe de estudos... Educar as crianças, livres de too prejuízo, e publicar as obras necessárias para esse propósito... Tal é o objeto da Escola Moderna. O valor da educação estriba-se no respeito á vontade física, intelectual e moral da criança. O verdadeiro mestre será o que abstenha de impor sua própria vontade, suas próprias ideias, e apele, cada dia mais, para as energias da própria criança.” (La Ragione – Roma).

Os princípios da Escola Moderna constituem a expressão mais alta e profunda da verdadeira educação: “Têm por objeto, segundo seus estatutos, fazer penetrar efetivamente no ensino e em todos os países, as ideias de ciência, liberdade e solidariedade. Buscar desenvolver os métodos mais apropriados à Psicologia da criança, que permitem obter os melhores resultados com a menor fadiga possível”.

“A educação moral, menos teórica que pratica, há de dar-se principalmente com o exemplo e há de basear-se na grande lei natural da solidariedade.”

Esse é o verdadeiro espírito da obra educacional de Ferrer: nenhum sectarismo, nenhuma estreiteza partidária, a mais leve sombra de preleção por escolas ou filosofias, amplitude de vistas e o respeito consciente à liberdade individual e ao desabrochar da razão na criança. Do primeiro numero de *École Rénovée* (15 de abril de 1908) destacamos os seguintes períodos escritos por Ferrer e que atestam bem alto, os propósitos desse grande educador que soube tão bem indicar as veredas para o respeito à consciência livre e para as homenagens da educação verdadeira à dignidade humana representada pela razão.

“Seguiremos com a maior atenção os trabalhos dos homens de ciência que estudam a criança e nos esforçaremos em procurar os meios de aplicar suas experiências á educação que queremos instituir, no sentido de uma liberação cada vez mais completa do individuo.

Podemos desfazer tudo o que na escola atual corresponde à organização da disciplina, os meios artificiais nos quais as crianças permanecem afastadas da Natureza e da vida; a disciplina intelectual e moral que se emprega para lhes impor ideias completamente feitas, crenças que depravam e aniquilam a vontade.

Sem medo de nos enganarmos, podemos restituir a criança ao meio por ela solicitado, meio natural no qual estará em contacto com tudo que lhe dá prazer e onde as impressões da vida substituirão as fastidiosas lições de palavras. Si nada mais fizermos senão isso, teremos já preparado, em grande parte, a liberação da criança.

“Prefiro a livre espontaneidade de uma criança que nada sabe, à instrução verbalista e à deformação intelectual de uma criança sofreu a educação atual.”

“Concebemos escolas nas quais as crianças podem desenvolver-se ditosas e livres, segundo as suas aspirações.”

“Chamaremos em nosso auxilio a todos os que queiram conosco a liberação de criança, todos os que aspirem a contribuir para isso e para a formação de uma humanidade mais bela e mais forte.”

“Estamos certos de que nos ajudarão em nosso labor todos aqueles que lutam, em toda parte, pela liberação humana dos dogmas e sustentam a iníqua organização social vigente.”

E’ esse grande educador que um monstruoso processo e conseqüente condenação á morte o apresenta como dinamiteiro vulgar, atirador de bombas....

(1) E’ uma opinião pessoal de Ferrer e de outros educadores, Isso não é exato. Todos os educadores verificam que a criança aceita passivamente tudo quanto à educação lhe vai inculcando e parece ao educador que a sua mente é a cera dócil que recebe o ensino e o exemplo. Entretanto, entes mesmo do período da adolescência os desenganos não tardam. E a criança revela características hereditárias e sua maneira própria de ser, bem vezes absolutamente contraria a todo ensinamento recebido.

## FERRER, ESPIRITO ORGANIZADOR

Descrendo dos movimentos revolucionários parciais, descrendo do Estado ou da iniciativa oficial, apelou sempre para a vontade individual.

E conseguiu reunir em torno dos seus sonhos de liberação humana, nomes eminentes como os de Elisée Reclus, Letourneau, Odon de Buen (Sábio naturalista espanhol), o prof. Martins Vargas, Anselmo Lourenzo, Anatole France, C. A. Laisant, Kropotkine, Ernest Haeckel, Gíuseppe Serpi, Paul Gilles, Roorda van Eysinga, Lucian Decayes, Eugéne Fournière, Sebastien Faure, GrandJouan, Maeterlinck, Malato, Alfred Naquet, Paul Robin, Scinbat, Yvetot, Clemence Lacquinet, Ramon e Cajel, J. F. Elslandre, Henritte Meyer, além de muitos outros nomes ilustres.

Exilado na França, fundou a “Liga Internacional para a Educação Racionaria da Infância”.

E a Escola Moderna publica os seus quarenta e cinco livros escolares e uma coleção de boletins que são revistas pedagógicas.

Clemence Jacquinet resume em três volumes o seu Compendio de Historia Universal e enceta a serie brilhantemente de compendidos editados pela Escola Moderna, sob o critério da moderna pedagogia.

Estevañez escreve o resumo da História de Espanha.

O professor Lluria, Escreve A Evolução Super-organica. Odon de Buen, dois volumes de Historia Natural. A. Bloch e Paraf-Javal escrevem a Sustância Universal. É feita uma edição especial do livro de Malvert, Origem do Cristianismo, quarto livro de literatura escolar.

O primeiro livro e literatura é a Cartilha Filológica Espanhola, ao mesmo tempo silabários, gramática e manual

ilustrado da evolução.

Em pouco tempo, 20.000 exemplares foram esgotados. É a história da evolução biocômica, desde o átomo até o homem.

A antropologia, pelo Dr. Engerrand, da Universidade de Liège; Evolução, pelo Dr. Letourneau, da Escola de Antropologia de Paris; Geografia Física e Mineralogia, etc., pelo Dr. Odon de Buen; Psicologia étnica por CH. Letourneau; além de muitas outras edições, adaptações e traduções notáveis como, por exemplo, O Homem e a Terra, de Elisée Réclus.

A primeira providência de Ferrer foi preservar o cérebro infantil e o adolescente a sugestão e da rotina, determinadas pela influência ancestral, impressa no ativismo e na ignorância ou na malícia, com que são feitos os livros escolares.

A biblioteca da Escola Moderna é toda nova de orientação científica e racionalista.

Primeiramente, Ferrer contribuiu o dique, a muralha contra o dogma, a superstição, a rotina, a ignorância e a hipocrisia moraliteísta.

E' uma das mais facetas mais interessantes e mais profundas do pensamento de Ferrer.

“Educar a criança de modo que a sua inteligência se desenvolva ao abrigo das superstições, dizia Ferrer, e publicar os livros necessários para se obter esse resultado, tal é o fim da Escola Moderna”.

Repeti sempre o mesmo estribilho.

E propunham-se os dois objetivos:

1.º - Dar às crianças uma instrução verdadeira, liberando-as de todas as tradições do passado, dos preconceitos de raça, de classes, de religião e de militarismo.

2.º - Pelos seus livros, pelas traduções das grandes obras científicas modernas, pelos trabalhos de vulgarização,

desenvolver o espírito racionalista e preparar para a sua propaganda, um perene desenvolvimento e adaptação dessas mesmas obras.

Assim, anexos à Escola Moderna, o seu complemento necessário e lógico: uma casa editora.

## FERRER – PEDAGOGO E EDUCADOR INDESEJÁVEL...

Ferrer não foi integrado ainda no lugar a que tem direito, como criador da Escola Nova. Compreende-se: luta de classe...luta de poderes. Ferrer é um desertor da burguesia. E' o crime que a burguesia não pode perdoar.

Nunca Ferrer distinguiu burguesia de proletários, ricos ou plebeus, homens ou mulheres: era humano, sentiu a dor universal, lutou contra a mediocridade cultivada pela educação.

E os pedagogo de laboratório, de experimentações científicas ou educacionais na cobaia humana... Ressentem-se, quais todos, da diátese burguesa...

E Ferrer é afastado cuidadosamente do quadro social dos educadores modernos. Está por de mais próximo de nós para que o Estado ou a escola oficial o passa prestigiar, prestando-lhe as homenagens do estilo.

Aliás, a Nova Republica Espanhola, por engano (porque é muito criança e quer fazer garbo do seu liberalismo...) já se penitenciou perante o apóstolo e mártir do ensino racionalista. E está na regra: homenageia a Ferrer porque esta morto, e persegue os vivos coerentes com ideias do mártir e apóstolo de Escola Nova.

Demais, o Estado, filho das organizações sociais, defendido, protegido, mantido pelas quatro castas da civilização moderna – o capitalista, o militar, o sacerdote e o político – dos quais, o

capitalistas e o padre exercem predomínio absoluto, movendo os cordéis do imenso “guignol” social, o Estado obedece e acata as deliberações e a atitude farisaica da Igreja Romana – a mais admiravelmente organizada de todas as organizações sociais do mundo hodierno.

Ferrer é filho espúrio e moral social. Porque, defender os interesses do proletariado ou pretender colocar em igualdade de condições sociais, em igualdade de direitos com a burguesia, é quase ofensa aos brios invertidos das classes parasitárias, as quais vivem á custa do trabalhador, certas de que gozam de um direito divino...

Ferrer praticou mãos um crime inominável de ser absolutamente sincero e defensor, incondicionalmente, a criança – contra a escola religiosa e contra a escola oficial.

Derrubou dois altares... Iconoclasta, quebrou dois ídolos ferozes, desencadeando a tormenta por sobre o seu destino heroico.

“Nem Dogmas, Nem velhos usos, porque uns e outros representam formulas que prendem a vitalidade mental dentro dos limites impostos pelas exigências das fases transitórias da evolução social.”

“O cérebro do individuo deve ser o instrumento da sua vontade”

“Querendo que as verdades da ciência brilhem com o seu próprio brilho e ilumine cada inteligência por tal modo que, postas em prática, possam trazer felicidade ao gênero humano, sem exclusões indignas, nem exclusivismos repugnantes.”

Esse é o verbo de Ferrer.

Ser humano assim é ser ingênuo.

E a ingenuidade santa é o apanágio dos apóstolos e dos precursores e anunciadores.

Que diferencia, por Exemplo, entre Ferrer e Emile Durkheim, cujos livros de sociologia e educação constituem o breviário da Escola Nova! Tome-se um dos seus livros, por acaso, Educação e Sociologia e, em duas palavras, é doloroso verificar como os expoentes máximos da pedagogia moderna estão a serviço da reação, da sociedade e do estado.

Diz Emile Durkheim: “A educação tem por objetivo suscitar e desenvolver na criança, certo numero de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança particularmente destina.” Em resumo: “a educação á a socialização da criança.”

E’ lamentável simplesmente. E Durkheim não observa apenas o fato geral de cada sociedade ou cada Estado se aproveitar da sua autoridade para se aproveitar da sua autoridade para fazer a criança instrumento das suas ambições políticas ou sociais, Durkheim aplaude e acoroça essa atitude. Defende a sociologia burguesa dos acomodados...

O Prof. Paul Fauconnet, da Sorbonne (!) estudando, elogiando a obra de Durkheim, defendendo-a da critica séria, conclui, com um sofisma: “Si preparar uma pessoa é atualmente o fim da educação, e si educar é socializar, concluamos que . E’ esse precisamente o seu pensamento,”

Jogo de palavras...

O que a malícia de todos esses “sociólogos” e “professores” deseja é a socialização das massas e a individualização deles, a exceção para os tipos do escol... Parasitário. São os super-homens, os super- elefantes da cultura e dos privilégios.

Durkheim é muito claro:

“Não é admissível que a função de educador possa ser preenchida as garantias de que o Estado, e só ele, pode ser juiz. Não se compreende uma escola que possa reclamar o direito de



dar uma educação antissocial”

Pena não poder dispor de tempo para analisar, neste momento, mais profundamente, o pensamento de Durkheim.

Para mim, nestes dois períodos o sociólogo prestou-nos um auxílio inestimável: A sua lógica simples fez ver que todo ensino contrario ao Estado é o filho dileto da sociedade...

Assim, qualquer Estado aproveita-se da sua autoridade, da força para defender a sociedade ou o partido político que tem o poder nas mãos. Ir contra a prepotência do Estado que faz da escola o meio de assegurar a sua hegemonia ou de um partido – é o dever dos verdadeiros revolucionários, de todos os seres humanos que amam a liberdade e respeitam os direitos da criança.

Durkheim diz ainda:

“É forçoso escolher: si se dá alguma importância à existência da sociedade – e nós acabamos de ver o que ela representa para o individuo – é preciso que a educação assegure, entre os cidadãos, suficiente comunidade de ideias e de sentimentos, sem o quê nenhuma sociedade subsiste; e, para que a educação possa produzir esse resultado, claro está que não pode ser inteiramente abandonada ao arbítrio dos particulares”.

Pois bem, meus camaradas, foi esse espírito burguês, estreito, de Durkheim – um dos mais notáveis pedagogos modernos – foi esse espírito estreito que matou Ferrer!

Quais de nós deseja que subsista esta sociedade de vampiros?

Quem de nós aplaude o Estado moderno, a ressurreição do nacionalismo fascista ou qualquer ditadura implacável na defesa incondicional de um partido político dominante?

A socialização da criança como postulado de educação é um crime bárbaro que a humanidade terá que pela lei de causa e efeito.

Quantos séculos ainda de erros e crimes de lesa-humanidade terão de viver nos filhos, espoliados hoje na escola da fofca e da brutalidade?!

Ferrer morreu com a consciência Iluminada porque não cometeu tais crimes.

Ferrer acreditava no advento de uma sociedade melhor, pó isso – respeitou a alma da criança.

Como todos os anarquistas sinceros, apontava o Estado como o maior responsável pela ignorância humana.

Não via claramente que à Sociedade é que deveria culpar dos desmandados e da mediocracia Estatal.

Porque o estado não é mais do que o rebento querido da Sociedade.

“Não tememos dizer-lo: queremos homens capazes de evolucinar incessantemente; capazes de destruir, de renovar constantemente os meios e de renovar-se a si mesmos; homens cuja a independência intelectual seja a força suprema, que se não sujeitem jamais a ninguém; disposto sempre a aceitar o melhor, ditosos pelo triunfo das ideias novas e que espirem a viver vidas múltiplas em uma só vida.”

“A sociedade teme tais homens: não se pode, pois, esperar que queira jamais uma educação capaz de os produzir.”

Aí, viu Ferrer a sociedade como mãe do Estado...

Mau grado, a sua consciência tentou ir contra a corrente social. Esse é o verdadeiro educador.

Mais, Duekheim, cujos os livros andam por aí a fora traduzidos como obras notáveis de pedagogia, defendendo a sociedade rotineira e cheia de privilégios odiosos, chega a dizer que “nem Basedow, nem Pestalozzi, nem Froebel eram grandes psicólogos. O que ha de comum e saliente nas doutrinas desses pedagogos, é o respeito à liberdade interior, - esse horror por toda

e qualquer compressão, esse amor ao homem e por consequência à criança, em que se funda o moderno individualismo”. Durkheim os censura!...

Sim, porque Durkheim prega uma educação fascista na qual o Estado, a serviço de um ditador qualquer, decreta a escola-comunidade e prepara a juventude na selvajaria e na brutalidade para o assalto ao poder e ao do ministro. Durkheim aproxima-se tanto do fascismo como do bolchevismo na sua doutrina a sociologia – para a socialização ou do coletivismo até mesmo na consciência... na defesa da sociedade formada pelo mais forte grupo que souber se defender...

A sua pedagogia se presta a todos os partidos... E’ a pedagogia de vencer pela força bruta...

E nega o senso psicológico em Basedow, em Froebel e em Pestalozzi, justamente porque sua pedagogia é anti-natural e criminosa . Vejamos por exemplo, esse postulado de Durkheim :

“O homem que a educação deve realizar, em cada um de nós, não é o homem que a natureza fez, mas o homem que a sociedade quer que ele seja; e ela o quer conforme reclama a sua economia interna. (Educação e Sociologia, tradução de Lourenço Filho,p.102).

Essa educação do Estado e da Sociedade é o maior atentado, o mais inominável contra a dignidade do ser humano.

É simplesmente monstruoso afastar o homem da natureza e a natureza não se deixa enganar. Estamos justamente, no caos da civilização contra a natureza, pagando erros da lei de causa e efeito.

Justamente, todo educador que se presa, todo homem que vê e sente a degradação do nosso regime social – deve sonhar uma educação puramente antissocial em defesa da integridade da consciência livre.

Foi esse alto crime de traição de Ferrer... Respeitando a individualidade da criança, queria cada vez mais a libertação humana.

Cultivou a fé inquebrável na obra educacional – porque viveu pouco para ver o resultado imediato do seu esforço de educador. Não teve tempo de chegar à conclusão do que esperam em vão, após anos e anos de sacrifícios inauditos, os frutos da incorruptibilidade do caráter, depois de haverem semeado, na alma jovem dos estudantes, a semente sã e pura e generosa e fecunda da coragem heroica de ser algo além de um numero no rebanho social servil e domesticado.

Porque a imbecilidade e a covardia impedem a evolução em linha reta, sempre para frente.

Dão saltos de séculos à retaguarda... e encarceram a Liberdade e Sufocam a consciência humana.

A juventude promete. A idade madura se acovarda na apostasia do caráter, no abastardamento do respeito a si mesmo.

E a intelectualidade é a hetaira cínica do mundo moral.

Ferrer talvez o soubesse

Por isso, insurgiu-se contra a imoralidade dos prêmios e castigos, contra os rótulos e as Academias, contra as chapetas e os amuletos sociais:

“Encontramos na sociedade, homens de toda condição e de diferentes idades que não teriam dado um passo nem feito o menor esforço, si não tivessem a intima convicção de que todos os seus méritos lhes seriam contados e pagos, um dia, integralmente”.

“Os homens de governo sabem disso perfeitamente, já que obtêm tanto dos cidadãos, por meio das recompensas, adiantamentos, distinções e condecorações que outorgam. E’ isso um resto vivaz do cristianismo. O dogma da gloria eterna

inspirou a Legião de Honra. A cada passo na vida encontramos prêmios, concursos, exames e prebendas: haverá algo mais triste, mais feio ou mais falso?”

Ferrer tinha confiança demais na educação racional. Não chegou a compreender que cada qual de nós só pode iluminar a si mesmo... E que todos os verdadeiros expoentes da alta cultura, da Sabedoria e da beleza, os grandes Artistas, os grandes pensadores, os nobres instrutores da Humanidade foram todos autodidatas e tiveram de reagir, corajosamente, contra a educação que receberam da sociedade.

### Nem Religião, Nem Pátria

A tônica predominante do equilíbrio harmonioso de Ferrer é a serenidade persistente com que pugna pela liberdade da criança, pelo respeito á consciência humana em embrião na alma infantil.

Na escola chamada laica, “Deus foi substituído pelo estado; a virtude cristã, pelo dever cívico; a religião, pelo patriotismo; a submissão e a obediência ao rei, ao aristocrata e ao clero, pelo acatamento ao funcionário, ao proprietário a ao patrão.”

A diferença não é grande. Ou ainda: é mais respeitável o sentimento religioso sincero que baixeza do servilismo diante dos poderosos ou dos magnatas do bezerro de ouro.

O que é certo é que todos os altares estão de pé: os ídolos é que mudarão de nomes...

A sociedade é aquele “fantasma” de Stirner. E a “humanidade é um pensamento que acerca da cristalização dogmática...” (O único e sua propriedade – Max Stirner.)

“Servir ao Estado, a esse deus terrestre, é o novo culto”. O

Estado moderno, nacionalista, fascista ou bolchevista é uma religião cuja divindade é tão terrível como Jehovah dos exércitos...

Ficou de pé uma coisa: “burgueses e operários acreditam na realidade do dinheiro; os que não possuem estão penetrados dessa realidade como os que possuem; os laicos como os clérigos. “O dinheiro rege o muno”, é a Tônica da época burguesa. Um gentil homem sem um tostão e um trabalhador sem nenhum tostão, ambos estão mortos de fome, sem valor político.

“Assim, o que nada possui, considera o Estado como um poder como um poder tutelar dos que possuem; esse anjo da guarda dos capitalistas é um vampiro que chupa sangue de todos.

“O Estado apoia-se no servilismo dos funcionários, na covardia dos ricos e no cativo econômico do operário.

“O Estado está fundado sobre a escravidão do trabalho. No dia em que o trabalho for livre, o Estado ruíra por si mesmo.

O trabalhador manual é uma potência: o Estado só teme uma coisa: a greve geral... Por isso, não pode mais haver greve geral na Rússia... Seria movimento contrarrevolucionário...

Assim, o Estado não passa de um “fantasma”, como a sociedade...

Como tem razão Stirner!

Tudo são ideias (e ideias falsas!...), entretanto – que riqueza possuímos – si somos donos do nosso próprio corpo!...

No dia em que cada indigente atirar fora os últimos farraspos e desprezar a própria indigência, cessará de ser indigente porque deixou de encontrar o seu tesouro que ninguém rouba... Descobrirá que é O único... Entrará na posse de si mesmo... é o criador e a criatura...

Estamos longe disso. O que queremos é tomar aquilo que foi parar às mãos do próximo... E chamam os outros de egoístas...

Stirner descobriu que os ateus são muitos piedosos...

## FERRER ACREDITAVA NA RAZÃO E NA CIÊNCIA...

Para Ferrer, o ensino racionalista científico há de persuadir aos futuros homens e mulheres que nada devem esperar de nenhum ser privilegiados (fictício ou real); e que tudo quanto é racional devem esperar de si mesmos e da solidariedade livremente aceita e organizada.

O seu engano está em acreditar na “organização” do amor e da bondade...

Ferrer tinha a convicção de que “sem uma absoluta reforma dos meios educacionais, não será possível orientar a humanidade para porvir.”

E, em síntese, o grande educador formulava o programa:

“A Escola Moderna pretende combater quantos prejuízos dificultem a emancipação total do indivíduo, e, para isso adora o racionalismo humanitário que consiste em inculcar na infância o órfã de conhecer a origem de todas as injustiças sociais para que, reconhecendo-as por si mesma, possa logo combater-las e se lhes opor.

“O ensino racionalista e científico da Escola Moderna há de quanto seja favorável à liberdade do indivíduo e à harmonia da coletividade, mediante um redimem de paz, amor e bem estar para todos, sem distinção de classes nem de sexos.”

Neste trecho está contida toda a ingenuidade santa do apóstolo e do precursor.

Ferrer esperava o advento do Éden na terra. A sua fé se devotava ente o racionalismo puro e ante a ciência pura.

Si há uma aparência ou uma nesga de Verdade nas suas convicções sinceras, os fatos vão demonstrando o contrario.

A ciência é o Molóc moderno.

A civilização do bezerro de ouro vai morrer de apoplexia científica.

As guerras de hoje obedecem a uma técnica absolutamente científica. E duas ou três mais que se repitam, dirigidas como foi a ultima, pelos sábios dos laboratórios de química, física, bacteriologia – não ficará do gênero humano senão ruínas e escombros, destroços e esqueletos de maquinas e de homens.

E, si a guerra ainda não estalou – é de medo de tanta ciência...

O santo precursor da Escola Nova morreu sem conhecer o Molóc da Civilização.

Viu que a sociedade e a sua santa célula – os governos – têm medo do cultivo intelectual, são contra o desenvolvimento cultural das massas e se esforçam por conservar na ignorância as multidões, afim de que, através das crenças religiosas organizadas, um “freio” domestique o rebanho humano.

E, de tal modo, que possam exercer impunemente a tirania e o despotismo do espírito de autoridade contra o direito à Liberdade.

Mas, por outro lado, de certo viu também que o comercio, a industria, os meios rápidos de comunicação obrigam os povos a se prepararem para o assalto à concorrência comercial.

E os governos têm necessidade de melhores operários para melhor posição no mercado de oferta e procura da organização social capitalista.

Daí o desequilíbrio das sociedades modernas – o espírito de autoridade dos dominadores – contra o anseio de liberdade das massas populares oprimidas, de um lado dirigidas pelas consciências livres ou enganadas pelo tartufismo farisaico dos políticos profissionais – à cata posição espetaculosas no cenário



do mandonismo, conseguidas à custa de ludibriar as massas com a demagogia da oratória retumbante de palavras e vazia de sinceridade.

E como contra choque, a necessidade econômica e a conquista de mercados a exigir de cada país a formação de um exercito inteligente de operários para suplantar a produção e a industria das outras nações.

Do choque entre a necessidade absoluta da autoridade política e policial para a manutenção do Estado e da necessidade de formação de um proletário capaz e produzir inteligentemente – surgiu a crise moderna e o nacionalismo absolutista.

E' esse choque terrível que fará ruir a civilização do bezerro de ouro.

Não se pode conceber proletariado inteligente, consciente e escravizado. São duas coisas que se chocam.

Daí a reação tremenda dos tempos modernos: de uma parte o fascismo com todos os horrores da perversidade organizada, a deitar as garras por sobre o gênero humano, dentro do espírito medieval, buscando impor de novo os Autos de Fé e a Santa Inquisição de Igreja.

De outra parte as reivindicações proletárias eivadas de excessos racionalistas para opor um dique à credence, à ignorância e à superstição.

## A MAGIA DAS PALAVRAS

De uma parte o sim dogmático querendo impor o erro renascendo todos os crimes de lesa-felicidade humana. De outra parte o não dogmático querendo destruir no coração dos homens a beleza maravilhosa do “sorriso de duvida e da musica dos sonhos...”

Duas forças que se vão se chocar ferozmente na reivindicação dos seus supostos direitos de conservar estupidamente ou se destruir impiedosamente.

E os homens e as mulheres não encontrarão a paz, não saberão o que é felicidade em nenhuma das duas facções que se digladiam, cada qual defendendo a sua verdade, uma verdade falsa, que esta sendo “organizada” em altares disfarçados, onde pontificam ídolos vorazes a devorarem, sangrentos, as energias morais dos utopistas ou sectários “escultores de montanhas...”

E Ferrer, intuitivo, presentiu que o não dogmático tem a mesma força destruidora do sim dogmático.

Era apenas o apóstolo do livre exame, da escola científica, racionalista.

Ferrer sabia que “todo valor da educação reside no respeito da vontade física e intelectual da criança. Assim como em ciência não há demonstração possível, senão por meio do fato, assim também não é verdade a educação, senão a que está isenta de todo o dogmatismo, a que deixa à própria criança a direção de seu esforço e que não se propõe senão a ajudá-la na sua manifestação. O educador impõe, obriga, violenta sempre. O verdadeiro educador é o que, contra as suas próprias ideias e os seus desejos, pode defender o aluno, apelando, em maior grau, para as próprias energias do educado.”

Ferrer acreditava no poder da educação, porque estava convencido de que “todo aperfeiçoamento significa a supressão de uma violência”. Por isso, esperava da ciência a libertação da criança.

Si não viu o problema em toda a sua espantosa complexidade, bem viu muitas das suas faces.

Afastar de junto da criança quaisquer paixões partidárias, as quais despertam o ódio, o sectarismo pró ou contra, o

exclusivismo, o espírito de autoridade e a violência – esse é o caráter da Escola Moderna e que não tem sido realmente compreendido pelos revolucionários extremados.

Ferrer confessou mesmo evitar as palavras “anarquia”, “comunismo anárquico” ou “ideias libertárias” nos seus tratados de educação.

O que ele pretendia era libertar a própria criança de todas as cadeias, inclusive da cadeia mais forte do preconceito de estar de posse da verdade única...

É a feita mais nobre, mais alta do seu apostolado, e daí a dificuldade do ensino verdadeiramente desprendido do sectário do sim dogmático – dos religiosos de todos os matizes e do não dogmático dos não menos religiosos – que pontificam como sacerdotes infalíveis no altar da Deusa Razão...

## A RAZÃO NÃO TEM O DIREITO DE SUFOCAR O SONHO

Nunca ninguém conseguiu matar no cérebro e no sentimento humano a tendência às metafísicas. De onde Viemos? Para onde vamos? O que significa o universo? Por que razão relam os mundos em orbita matemáticas através do espaço? Porque razão os astros é perfeitamente idêntico ao átomo da célula no meu sangue? Porque razão o meu Plexus Solar ou cérebro abdominal é a antena poderosa de um radio vivo que recebe do Cosmos as impressões e as transmite ao Cérebro através de glândula que é toda luz?

São incógnitas que hão de sempre acicatar as novas inquietações de insatisfeitos.

E é essa uma das facetas maravilhosas do nosso complexo psíquico.

Reduzir a inquietude a preconceito religioso é um crime e um preconceito mais vulgar. Metafísica não é religião.

A religião é uma muleta para os fracos e ignorantes, Não basta, não satisfaz à curiosidade dos que escalaram mais alto.

Também a ciência oficial nada pode explicar das coisas transcendentais. Paira à superfície. Cultiva o preconceito do saber absoluto. E não e não responde às nossas interrogações, à inquietação do nosso espírito insatisfeito.

A metafísica livre de peias religiosas, a metafísica que nada afirma é o poema e a terra da promessa dos nossos sonhos de cavaleiros andantes do infinito. A dúvida, a incerteza, o anseio de saber mais, a esperança de decifrar o indecifrável, a nostalgia através de tempo e para além do espaço, um poema de luz interior iluminando a consciência, a lei de causa e efeito no mundo moral, sonhar que a vida é eterna, fugir do hoje, aqui e agora é deslumbramento de liberdade – para escalar o espaço e saltar por cima das misérias sociais.

O próprio Comte, Sébastien Faure, todos os sinceros não poderão libertar-se das cogitações metafísicas. O homem é um animal que sonha fora a terra. E' a característica mesma do seu anseio de liberdade.

A utopia anárquica, o poema da libertação absoluta de todos os detetives sociais – não passa de um magnífico sonho metafísico – a que os verdadeiros revolucionários, no sentido filosófico que mais se aproxima das nossas verdades interiores, deram a aparência de realidade no mundo das realidades...

Sufocar, matar essa tendência do espírito humano é impossível. O que se pode conseguir é o charlatanismo – ou a petulância das negativas sistemáticas dos presunçosos ou a afirmativa sectarista dos ignorantes de espírito estreito.

Negar como afirmar é erro lamentável e prova cabal de

tendência autoritária e mandonismo.

Nesse erro doloso estão caindo revolucionários de todos os matizes e vanguardistas. A crítica a esses iconoclastas e criadores de religiões novas é digna da pena de Max Stirner (“O Único e sua propriedade”), embora até ele não tenha escapado, criando a religião do Único... nos seus excessos de demolição.

A Deusa Razão – já ocupou os altares religiosos do misticismo do materialismo histórico...

E a Deusa Razão é bem ignorante e pouco modesta...

Mudam-se apenas os nomes dos deuses: os crimes de lesa-liberdade de consciência continuam a ser perpetrados diante de outros altares.

A mim, não me satisfaz a esterilidade do materialismo econômico.

## PARA ALÉM DA NEUTRALIDADE

A Escola Moderna de Ferrer vai além do ensino laico, além da neutralidade.

Definiu-a Soledad Villafranca, nas seguintes expressões:

“Ensino racionalista, quer dizer o ensino que tem como meio a razão e como guia a ciência; como guia a ciência; como ainda não disse a última palavra sobre qualquer assunto, resulta que o ensino racionalista não tem programa fixo. Pelo contrário.”

“Ao ensinar todos os dias is fenômenos físicos do universo e sociais da humanidade, fá-lo com a especial reserva de que só tem mérito os sentidos admitem e a experiência sanciona.”

E os nossos sentidos, deturpados pela civilização, nos enganam todos os dias...

No período seguinte a contradição é flagrante. Diz ela:

“O ensino racionalista tem por fim ensinar todas as verdades

experimentais, por contrarias que sejam às ideias admitidas anteriormente.”

Há verdades experimentais, fatos comprovados e cujas causas, cuja simples explicação a ciência não descobriu. E não se podem negar fatos comprovados, nem mesmo compreendidos, embora não tenham sido decifrados, nem mesmo compreendidos pelos luminares da ciência humana oficial. Nega-los sistematicamente ou procurar esconde-los ou não querer ver, é absurdo igual às afirmações dogmáticas das revelações religiosas.

Como é mais nobre confessar o estado mental a ignorância diante dos fatos e colocar o ponto de interrogação inquieto e torturante, curioso diante de tais incógnitas!

Essa é a neutralidade que eu compreendo na Escola Nova. Não a neutralidade entre erro dogmático e a verdade científica.

Essa não é possível.

E Ferrer achava mesmo que os livros escolares devem tratar de todos esses problemas, falar de assuntos religiosos ou de dogmas sociais. O ensino racionalista pode e deve discutir tais problemas com o fim de desembaraçar o cérebro da criança de rotinas ou superstições, do tradicionalismo no erro e dos ídolos das organizações sociais.

Assim também compreendeu Naquet, falando de Ferrer, no prefácio ao livro de Ferrer, no prefácio ao livro de Wollian Heaford: O professor não pode ser neutro. Não poderia oscilar entre a verdade e o erro. O seu dever absoluto quando ensina as verdades científicas, consiste em ensiná-las como a observação, a experiência e o raciocínio que concatena os fatos, as revelaram, sem se importar si fere ou não os detentores do desenvolvimento intelectual que se curvam sob o peso dos dogmas de há muito condenados. ”

Vê-se bem claramente que a neutralidade condenada é a que

se refere à tolerância excessiva para com os dogmas e o sectarismo religioso do Cristianismo, cujas religiões e seitas predominam no Ocidente.

Nada tem que ver essa atitude necessária de independência e liberdade de pensar e dizer, contra o erro que escraviza a mente humana – com a atitude filosófica de dúvida e inquietação diante das maravilhas dos complexos psíquicos, diante do infinito da ignorância humana ou em face da multiplicidade assombrosa de fenômenos que se desenrolam na fantasmagoria da Natureza, através das leis universais de atração.

E uma infinidade de sonhos de sonhos há de povoar a mente dos homens que alçaram muito alto as suas inquietações, perscrutando os abismos de luz e sombra das almas ou penetrando o pensamento no labirinto fantástico dos mundos que vão rolando infinito além.

## A EDUCAÇÃO BURGUESA-CLERICAL-CAPITALISTA NECESSITA APENAS E TARTUFOS.

Dento do largo aspecto educacional sonhado por Ferrer não pedia ele, com Froebel: “Vivamos para as crianças.”

Aproximou-se mais de Ellen Key na sua beleza livre espontânea, quando dizia: “Deixemos que as crianças vivam por si mesmas.”

Sentia que a disciplina vem de dentro para fora e que todo constrangimento moral ou toda afirmação ou negação categórica provoca no espírito da criança uma reação capaz de a prejudicar na sua evolução mental e sentimental influenciando de modo deprimente na formação de seu caráter.

Demais, a falta de caráter, a fraqueza de convicções e a

covardia de não pensar em voz alta vem dos choques de afirmações e negações categóricas em torno da criança, entre as pessoas respeitáveis das suas relações e que, indiferentemente, inconscientemente, vão plasmando a sua mentalidade covarde ou a tartufismo da sua atitude servil, ao sabor ambiente.

Mais tarde, torcerá o raciocínio, empregará sofismas – simplesmente para estar bem com todos, para agradar todas as convicções farisaicas dos senhores respeitáveis.

Assim é na sociedade.

Pouquíssimos indivíduos que reagem por si mesmos contra essa educação que desviriliza o caráter e corrompe a consciência.

## A EXPLORAÇÃO DA CRIANÇA COMO UNIDADE INDUSTRIAL: É A OBRA DA ESCOLA.

A análise histórica da Escola, feita por Ferrer, é uma página admirável de psicologia da organização social.

Não há nenhum interesse pela evolução mental ou pela sensibilidade estética dos indivíduos considerados em si mesmos.

A instrução faz parte da técnica comercial moderna sob o aspecto da concorrência internacional.

Ferrer o sabia e o dizia com a coragem de convicções que sempre o caracterizou.

Prejudicados se fechava cada vez mais na Espanha inquisitorial contra essa consciência livre, incorruptível e heroica.

E, na vida como na obra educacional, Ferrer mostrou-se à altura dos seus sonhos. E repetia: “todo aperfeiçoamento significa a supressão de uma violência”, ou afirmava: “a violência é a razão da ignorância”, postulado que poderia ser invertido: a ignorância é a razão da violência, e então, chegaríamos às



conclusões de Gandhi...

## A COVARDIA MENTAR DOS ANTI-CLERICAIIS CATÓLICOS...

A homenagem máxima que nós outros podemos prestar a Ferrer, à sua vida heroica é não pactuar com os erros e os crimes de lesa-felicidade, sendo cúmplices da reação clerical e da superstição dogmática dos que sufocam a razão humana e manietam a livre expansão da consciência.

Não sejamos maçons, ateus ou livres-pensadores de fachadas, discutindo problemas transcendentais apenas dentro de “lojas”, e educando (!) os filhos nos colégios de padres ou freiras, deixando que o clero todo poderoso e astuto se apodere das almas, da consciência, da dignidade humana das mulheres e das crianças, afins de cultivar a ignorância – na rede da imbecilidade e do servilismo, no acarneiramento da domesticidade – para aprisionar toda a sociedade dentro dos cofres fortes do poder temporal dos magnatas e dentro do tartufismo espiritual da Santa Madre Igreja Católica Romana.

A força do clero reside nas concessões de todos os livres-pensadores de rebanho, machos e ateus que frequentem a Igreja – por dever social...

Não nos rotule de anti-clericalis indo à missa açambarcador, comparecendo a batizados ou entronizações de santos, ou TE-Deum ou procissões, casamentos religiosos ou extrema-unção – multiplicando o numero de covardes mentais que pasmam as suas ações em desacordo com as suas ideias, porque seremos responsáveis pelo fascismo, pelo terror que, como um polvo, ameaça garrotear a liberdade e estrangular a consciência.

Nenhum de nós seria capaz de sair daqui para assistir um

fuzilamento de uma criatura humana, por mais víl bandido que fosse, porquanto nos repugna o espetáculo do martírio de quem quer que seja.

Pois bem: vai-se à igreja por dever social, sabendo-se que o seu papel é o abastardamento da consciência, certos de que as virtudes teológicas são a hipocrisia, o tartufismo e a cupidez, cientes de que o clero sufoca as energias latentes do indivíduo, cultiva calculadamente a ignorância e é sustentáculo da perversidade, moralmente, legalmente organizada. O crime da Igreja, massacrando as energias latentes da juventude e acovardando a consciência humana é muito mais feroz, é muito mais repugnante que o crime da policia fuzilando o corpo.

Porque a mim me poderiam tirar a vida, mais, ninguém, absolutamente ninguém me pode fazer a voz da consciência.

E a coragem de convicções se imortaliza na vida intelectual, embora todos os fuzilamentos.

Chegamos à fatalidade inexorável do dilema: ou nos acovardamos diante da invasão clerical internacional, ameaçando-nos com todas as torturas físicas e morais da inquisição moderna, quiçá mais perversamente requintada, ou teremos de assumir a atitude digna e nobre e heroica de um Ferrer, para opôr um dique moral ao extravasar da loucura e da ferocidade clerical piedosa – a querer ressuscitar a noite de mil anos dos Torquemadas e dos Autos da Fé.

## A ALMA FEMININA E' A PRESA DILETA DAS GARRAS DO CLERO

Todos reivindicam a escola, como arma voltada para o futuro das suas ambições.

Todos querem todos se arrogam o direito à exploração da alma da criança.

E, no momento histórico que atravessamos, já o clero brasileiro se arremontou para poluir a alma das gerações novas – através de ensino católico na escola nacional.

A mais alta homenagem que os intelectuais livres e proletários conscientes poderiam prestar a Ferrer, seria defender os filhos e a escola das garras do fascismo e do clericalismo, resíduos teratológicos da monstruosidade de uma evolução às avessas.

O mais, pensamento sem ação, discursos sem expressão na vida – palavras que o vento leva, orações vazias ou atitudes de políticos profissionais, demagogias retumbante de sons vazia de sentido, na exploração oportunista, para galgar posições ou satisfazer a vaidade pequeninas – através das multidões que aplaudem os histriões e os demagogos, tiranos e magretes de carne humana.

Falar apenas, é exibição ridícula. Estamos todos fartos de ouvir dissertar em torno de ideias maravilhosas e ver praticar as mais torpes baixezas.

Os homens já abem ler no rosto uns dos outros a falsidade e o tartufismo.

Por que continuar eternamente a indignidade dessa comedia repugnante?

Os tempos são chegados de se colocar cada qual na arena ao lado de um dos dois exércitos gigantescos da moderna cruzadas.

Um deles defende a civilização do bezerro de outro, o progresso material, a técnica industrial, o passado, a Rotina, a Reação, a Autoridade da Fé Fascista ou Racista.

O outro saúda, nobremente, heroicamente, o alvorecer de uma Alba Nova – para respeito à vida, para o advento da

Liberdade individual e a livre expansão da consciência Humana.

Não ha meio termo. Quem cala, acovarda-se, e é apostata de si mesmo.

Porque, a covardia e a imbecilidade humana não mais podem descer... rastejaram aos últimos degraus da baixeza e da miséria moral.

Honro-me, neste momento, de ocupar o lugar a que tenho direito, como consciência livre de quaisquer muletas, frente a todos os detetives sociais.

Honro-me de prestar a Ferrer a homenagem publica da minha imensa admiração.

Como mulher, sou-lhe profundamente reconhecida pela nobreza e pelo carinho com que pugnou pela educação racional feminina, para arrebatar o cérebro e o coração da mulher das garras do dogma, da superstição e da ignorância.

Demais, algumas mulheres notáveis, participarão da obra do eminente educador. E a sua gratidão e a sua ternura a Mlle. Meunier e a Soledad Villafranca, fazendo-as suas colaboradoras e considerando-as sempre com iguais direitos e como indivíduos de credor do afeto e do reconhecimento da mulher consciente.

Dizia o apostolo do ensino racionalista, referindo-se à mulher, que o mundo só caminhará para uma evolução mais alta, quando realizar o matriarcado moral, isto é, quando o impulso sentimental feminino contribuir diretamente para a conquista da consciência.

Como Ferrer compreendia a necessidade urgente de tirar partido da energia conservadora da mulher, não para cristalizar o seu pensamento em formulas rotineiras, mais para desperta-la para a vida e para beleza!

Explica a antítese flagrante, funda, repugnante na maioria dos seres humanos, homens mulheres, entre a inteligência e a

vontade, donde derivam todos os males que nos oprimem, explica-a na origem do sentimento materno deturpado pela educação clerical.

Diz ele: “Esse sedimento primário dado por, nossas mães é tão tenaz, tão duradouro, converte-se de tal modo em medula de nosso ser, que, energias fortes, caracteres poderosamente reativos que não retificado sinceramente de pensamento e de vontade, quando penetram de vez em quando recinto do eu, para fazer inventario de suas ideias, topam continuamente com a mortificante substancia de jesuíta que lhes comunicara a mãe.”

Essa é a tônica predominante da Obra de Ferrer: o desvelo com que ardorosamente procurou fazer sentir a necessidade arrebatada a alma feminina das garras do clericalismo voraz.

Querida a educação racional, mais, não podia dispensar, na mais vasta cultura, o sentimento humano. Porque, si Ferrer não disse, o pressentia com Rebelais: “Ciência sem Consciência é a Ruína da alma.”

## VIVER HARMONIOSAMENTE...

A covardia mental é a mais poderosa das armas reacionárias.

O caminho único do gênero humano, si não queremos ser devorados pela reação, pejada de violência científica e tecnocracia – é a “suprema resistência” à covarde domesticidade e à imbecilidade humana, aos exploradores da consciência, aos vendilhões de todos os templos.

Não sejamos livres-pensadores de rebanho, desses que protestam entre amigos, no seio da família ou nos recintos das Lojas teosóficas ou maçônicas, mas, casam-se na Igreja, são devotos de Sta. Terezinha, batizam os filhos, servem de padrinhos e testemunhas de casamentos, mandam rezar missas

pelos seus mortos, celebram funeral religioso, confessam-se. Comungam na hora das aperturas, ou dão dinheiro para as cerimônias da Igreja, sob a capa covarde de dever social.

E, o que é pior, educam os filhos nos colégios religiosos e assistem à sua primeira comunhão – porque é “chic” e elegante e pretexto para reuniões mundanas.

A cada instante, ouço dizer que nem sempre a família está disposta a acompanhar os militantes.

E conheço delas que são a negação absoluta das doutrinas pregadas pelos seus chefes. Entretanto, tais militantes procuram ardorosamente fazer prosélitos e exigir que outros companheiros e principalmente outras companheiras se comprometam pela causa que eles defendem.

Essa incoerência equivale à do que prega para o público, reservando-se o direito de não seguir os seus próprios conselhos.

Se a minha família não quer ou não pode seguir os meus sonhos de libertação humana, um dilema traça à minha consciência uma base de conduta. Si sou fraca e dominada pelos sentimentos afetivos limitados ao egoísmo da família de sangue – que nem sempre é a nossa família – não tenho o direito de pregar ou exigir dos outros, aquilo que eu mesma não fui capaz de realizar. Retiro-me. Não me posso fazer agitador e militante.

Nada posso exigir, si não dou exemplo integral.

O segundo caminho é mais íngreme, é mais doloroso, é mais escarpado: coloco os interesses humanos, coloco a minha consciência acima da família, não a acuso nem defendo e reivindico para mim o direito á deserção.

Isolo-me da família e, pelo exemplo, demonstro que vivo individualmente em harmonia comigo mesma e ponho de acordo o pensamento e ação.

Não tenho o direito de impor ou exigir nem da família nem do

próximo.

Mas, tenho o dever de reivindicar os meus direitos individuais, de ser livre, de desertar, de fugir de todos os detetives morais, cuja missão é dominar, é escravizar – para reduzir à rotina, à imbecilidade, à cretinice e à covardia.

Muitos menos me assiste o direito de formar uma família cuja educação eu descurei, e depois, vir impor o meu pensamento às famílias dos outros, buscando prosélitos ou exigindo de outros consciências o lema das minhas verdades individuais.

“Cada qual só pode iluminar a si mesmo...” E, antes de exigir de quem quer que seja, eu tenho a obrigação de exigir de mim mesma, cuidando da minha própria realização.

\* \*

Já é tempo de comemarmos Ferrer de outros modo. Não se educa com discursos. E, se as Escolas Modernas são fechadas pela policia clerical, cada um de nós tem uma pequena escola moderna dentro do lar e ... dentro de nós mesmos.

E, se a educação do lar falhou. Repito, só há dois caminhos a seguir – si não queremos corar diante dos olhares perfurados das consciências clarividentes.

Ou resignar-se estoicamente em uma retirada honrosa e profunda iluminar-se a si mesmo, desertando da ação social por incapacidade – preparando-se para uma atitude futura mais coerente com os próprios ideias – e escravizar-se ao afeto da família, por fraqueza confessa, ou – desertar da família.

Ninguém tem o direito de impedir que eu me conheça e me realize – para o gesto individual isolado, para a harmonia integral isolado, para a harmonia integral entre o meu pensamento e a minha ação, e a “suprema resistência” ao espirito

de autoridade incrustado no subconsciente da família e da sociedade.

É comodismo, quase sempre, essa desculpa de que a família não quer seguir a orientação da corrente ideológica que nos parece verdadeira: pode ter sido o nosso descuido, a nossa incúria, o nosso comodismo a causa do desacordo entre o que desejamos e o contraste dos desejos que orientam os nossos filhos.

E, se não temos confiança na educação, em se tratando da nossa família, é estranho que preguemos essa ou aquela educação para as famílias dos outros.

Gandhi acaba de dar ao mundo o mais belo, o mais heroico, o mais eficaz dos exemplos: perguntaram-lhe quais seriam os continuadores da sua obra de “suprema resistência” à reação burguesa-capitalista para a libertação da Índia, Gandhi respondeu: - a minha companheira e os meus filhos. Só assim temos o direito de procurar persuadir a companheira e os filhos dos nossos camaradas. Ou então, desertar...

Sejamos os desertores da família, os desertores sociais, o individualista livre – para pensar e sonhar e viver em harmonia com a nossa própria consciência.

Esperamos sempre que outros façam aquilo que nos dá prazer ou que não fomos capazes de realizar.

É utópica a sociedade ideal, sonhada pelos sonhos de equidade, enquanto não tenhamos, nós mesmos, realizado, dentro de nós, esse ideal e essa equidade.

Cada qual pode resolver o milagre de realizar o homem perfeito ou a mulher emancipada que as nossas ilusões criam no tipo futuro das sociedades ideais.

Conhecer-se ... educar-se... realizar-se ... Só pode semear, quem já colheu de si mesmo.



Para educar, é preciso ter-se educar a si próprio, na tortura gloriosa do domínio das paixões e dos espírito de autoridade.

Longe de mim a ideia de exigir a perfeição próximo, si u reconheço todas as minhas fraquezas e todos os meus defeitos, si me envergonho de não ter podido ainda burilar as arestas grosseiras da minha astuta interior e me apresentar em publico digna dos mais altos sonhos de beleza que palpitam dentro de mim.

Mas, quem pode afirmar que a minha vida não tem sido um esforço continuo para me conhecer e para me realizar?

Por isso mesmo, a maior homenagem que podemos prestar a Ferrer, como a todos os apóstolos e mártires do ideal de emancipação humana – pela educação – é a busca interior, é a realização da própria consciência no anseio do conhecimento – para o exemplo da força e do poder por sobre nós mesmo, na escalada de uma consciência sempre mais alta – voltada para o Amor e a Sabedoria.

“Conhece-te a ti mesmo”. Ainda é a divisa do Templo de Delfos.

“Conhece-te a ti mesmo” – “para aprenderes a amar” – é a suprema sabedoria, na escalada suprema em busca dos abismos de lus da nossa consciência profunda.

Cada um de nós tem seu caminho, as suas verdades, e sua vida...

Que cada qual se ilumine a si mesmo e realizará o milagre sem par de iluminar, pelo exemplo, as veredas de todos os jovens corredores da lenda.

Só crio nessa educação...

Só crio nessa revolução...